

# Um estudo sobre o trabalho pedagógico com o aluno deficiente físico

Ana Elisa Parra Belisário  
Eduardo José Manzini

**Como citar:** BELISÁRIO, A. E.; MANZINI, E. J. Um estudo sobre o trabalho pedagógico com o aluno deficiente físico. *In:* MANZINI, E. J. (org.). **Linguagem, cognição e ensino do aluno com deficiência**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p. 127-140  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-88390-06X.p127-140>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O ALUNO DEFICIENTE FÍSICO<sup>1</sup>

Ana Elisa Parra BELISÁRIO<sup>2</sup>

Eduardo José MANZINI<sup>3</sup>

## 1 Introdução

Quando falamos sobre educação especial e/ou aluno especial com pessoas que não têm nenhuma relação com esta área, elas ficam admiradas e até perguntam como que nós conseguimos trabalhar com essas crianças, dando a impressão de que essa tarefa seria uma das impossíveis de serem realizadas. A maioria delas ainda argumenta que jamais teria coragem de trabalhar. Algumas pessoas chegam até comentar se temos *dó* quando exigimos dele alguma resposta ou exigimos a realização de atividades. Essa mesma concepção, de *pena, dó e incapacidade*, pode ocorrer nos meios educacionais (Manzini, 1989).

Manzini (1989) apresentou o depoimento de uma mãe em busca de uma escola da rede regular de ensino para seu filho portador de paralisia cerebral. A mãe relatou suas dificuldades em conseguir a integração lembrando as conversas com diretores e professores. Revelou a face de uma escola que, por não oferecer oportunidades, acabava segregando o deficiente físico.

É comum encontrar pessoas que não acreditam no potencial do deficiente, e ainda afirmam que não conseguirão realizar tarefas que um aluno não deficiente realizaria, não podendo assim *estudar em classe comum e tirar um diploma* (Mazzotta, 1997).

---

<sup>1</sup> Trabalho final apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial, convênio Unesp/Capes/Proesp, 1997-1998.

<sup>2</sup> Professora de classe especial para o aluno com deficiência física. Bolsista Capes.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Educação Especial - Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília e orientador do estudo.

Este trabalho teve o intuito de investigar qual é a concepção que o professor de educação especial tem do seu aluno especial. Essa concepção é fundamental para o desenvolvimento do aluno, porque o professor pode ou não acreditar na capacidade intelectual, influenciando, assim, sua prática pedagógica. Uma outra preocupação foi avaliar a utilização de recursos adaptados para o aluno deficiente físico. É visível que o deficiente físico não tem as mesmas habilidades que o não deficiente. Percebemos, muitas vezes, que eles têm dificuldades em preensão, problemas na amplitude de movimento, tônus muscular alterado e dificuldades de fala. Daí surge a necessidade de selecionar e adaptar os materiais de acordo com as necessidades de cada aluno, possibilitando assim o uso de recursos que ele precisa para a realização das suas tarefas (Brasil, 1980).

Uma das grandes dificuldades encontradas pelo professor de educação especial é a falta de materiais já adaptados, necessitando ter que criar ou adaptar, para que o aluno consiga atingir os objetivos pedagógicos (Manzini et al. ,1997).

Abordando essas questões é que desenvolvemos o presente estudo, com o intuito de tentar descrever alguns aspectos do trabalho pedagógico com o aluno com deficiência física em uma instituição especializada para esse fim.

## **2 Desenvolvimento do estudo**

Participaram desta pesquisa seis professoras que trabalhavam com crianças e adolescentes deficientes físicos, que freqüentavam uma escola de educação especial, em cidade localizada no oeste paulista.

Quatro dessas professoras já trabalhavam neste local por volta de 5 a 6 anos, enquanto duas ainda não haviam, na época do estudo, completado um ano de experiência.

Essas professoras não tiveram a oportunidade de freqüentar um Curso de Especialização em Educação Especial, antes da sua atuação. A base de formação das professoras foi o magistério, duas cursavam pedagogia e uma delas já havia concluído o curso. Três ainda não freqüentavam uma formação em nível de graduação.

As professoras responderam a um questionário com seis questões abertas que buscavam, primeiramente, uma caracterização de seus alunos. Outras questões buscavam saber sobre as atividades realizadas no decorrer do trabalho, os recursos utilizados e as dificuldades encontradas no ensino do aluno com deficiência. Por fim, buscou-se informações sobre as mudanças observadas no desenvolvimento dos próprios alunos.

O questionário não teve um prazo rígido para devolução, alguns foram entregues dias depois, outros no mesmo dia.

### **3 Análise das respostas dos questionários**

Ao ler o questionário, pudemos verificar que os professores responderam de forma objetiva e resumida às perguntas abertas, ou seja, as professoras, ao responderem às perguntas, informaram somente aquilo que estava sendo perguntado.

Assim, para a pergunta *como são os seus alunos?*, obtivemos dados simples sobre as características dos seus alunos; para a segunda, *quais atividades você desenvolve com os alunos?*, encontramos informações sobre os tipos de atividades que desenvolvia. Nas perguntas *qual recurso pedagógico utiliza e quais são adaptados?*, pudemos obter algumas informações sobre os recursos pedagógicos ou recursos adaptados.

Nas demais perguntas, pudemos identificar as dificuldades arroladas na prática pedagógica e as observações que os professores identificaram sobre mudanças no desenvolvimento dos seus alunos.

### **4 Temas encontrados**

Com base na análise descrita, chegamos a um conjunto de informações sobre os seguintes temas: 1) Caracterização dos alunos; 2) Tipos de atividades desenvolvidas com os alunos; 3) Recursos utilizados; 4) Recursos adaptados; 5) Dificuldades no ensino do aluno com deficiência física; 6) Mudanças identificadas no desenvolvimento dos alunos. A seguir apresentamos cada um dos temas encontrados.

#### 4.1 Caracterização dos Alunos

Os professores descreveram seus alunos indicando características gerais, físicas e específicas. Um único professor descreveu seus alunos como sendo

peças como qualquer outra, com sentimentos, vontades, necessidades de adquirir conhecimentos.(P6)<sup>4</sup>

Podemos perceber por essa valorização que, para esse professor, seus alunos não apresentavam diferenças quando comparados com os outros alunos, possuindo sentimento, vontade e valorização para adquirir conhecimento.

Um outro professor descreveu seus alunos atendo-se a características físicas:

São crianças portadoras de deficiências físicas como PC e Síndrome de West...(P1)

Podemos interpretar que, para P1, as características físicas estão intimamente relacionadas com o quadro clínico.

Quatro professores descreveram seus alunos utilizando características variadas, tomando como referência aspectos físicos, cognitivos e visuais:

*São crianças especiais em todos os sentidos, crianças que possuem potencialidades e limitações impostas pelo seu comprometimento físico e, às vezes cognitivo, dependendo do tipo de deficiência que possua, mas que acima de tudo possuem uma capacidade incrível de interagir com o mundo a sua volta, dentro é claro de suas potencialidades.* (P2)

Eles aprendem dentro dos seus limites. (P3)

São adolescentes portadores de vários tipos de deficiência. (P4)

São crianças e adolescentes que apresentam vários tipos de deficiência dentre as quais:- Física, Visual e Mental. (P5)

Os professores P2 e P3. descreveram que seus alunos embora tivessem limitações decorrentes da deficiência, também apresentavam

---

<sup>4</sup> As falas das seis professoras entrevistadas serão identificadas por P1, P2 até P6.

potencialidades. O professor 2 enfatiza o potencial de seu aluno deficiente físico: *tem uma capacidade incrível de interagir com a sociedade*. Constatase nas verbalizações que esses professores salientaram, em seus alunos, aspectos positivos. Cabe salientar que as atribuições, negativas ou positivas, não podem ser comprovadas, de fato, no presente estudo, pois os dados advindos das entrevistas apresentam versões sobre o fenômeno. Porém, podemos interpretar que os aspectos valorizados pelos participantes, em suas falas, são as atribuições de caráter positivo.

Os professores P4 e P5, apresentaram também uma variabilidade ao descrever seus alunos, atribuindo-lhes vários tipos de impedimentos. Percebe-se que esses dois professores descreveram de maneira totalmente diferente os seus alunos quando comparado com o professor 6.

Podemos interpretar que os professores apresentaram seus alunos como pessoas com limitações, porém indicaram a existência de potencialidades que poderão ser trabalhadas educacionalmente. Estritamente ligada a esta questão está a concepção subjacente sobre o deficiente físico.

Manzini & Simão (1993) encontraram resultados parecidos com alunos em formação profissional, em um curso de Habilitação em Educação Especial, área de deficiência física. As concepções iniciais desses alunos apontavam para o fato de que o deficiente físico era aquele que apresentava a falta de um membro ou necessitava de algum aparato, como, por exemplo, cadeira de rodas ou muletas. Numa fase posterior, esses alunos caracterizavam o deficiente físico baseado no quadro clínico. Nos resultados da presente pesquisa, verifica-se que alguns professores lançam mão desse tipo de caracterização.

#### **4.2 Tipos de atividades desenvolvidas com os alunos**

Os professores relataram os vários tipos de atividades utilizadas com seus alunos. Cada um de acordo com o programa em que atua.

Podemos identificar nos relatos que um dos professores indicou que trabalhava com atividades que envolviam estimulação sensorial:

As atividades desenvolvidas com os alunos são basicamente os estímulos sensoriais, tudo que possa vir a estimular os órgãos do sentido, buscando sensibilizar a criança para perceber os estímulos básicos como visão, audição, tato e gustação. (P2)

Percebemos que a preocupação desse professor estaria voltada para o oferecimento de atividades que estimulariam órgãos sensoriais, para que seus alunos pudessem *perceber os estímulos básicos* e fundamentais para o desenvolvimento, ou seja, desenvolvimento sensório-motor, necessidade imperiosa no trabalho com deficientes físicos (Cruickshank & Johnson, 1979).

Outros professores descreveram atividades pré-escolares.

Atividades de pintura, atividades de encaixe, atividades de colagem, atividades de culinária, atividades lúdicas na piscina, atividades com rótulos, atividades no computador, pesquisa revista, folheto.(P1)

Coordenação motora fina, grossa; coordenação visomotora, atenção, encaixes pareamento, classificação, atividades que apresentam noção de tamanho, cor, quantidade, noções básicas:- em cima, em baixo, frente, atrás; perto, longe; maior, menor; dentro, fora; atividades nas quais eles possam fazer alguma discriminação visual, auditiva, olfativa, tátil e gustativa, discriminar objetos, brinquedos, meios de comunicação, meios de transporte, vestuário, esquema corporal entre outras.(P5).

Atividades de coordenação motora, atividades para desenvolver noções de cor, forma, tamanho, quantidade, etc., atividades com letra, atividades com números, diálogo.(P6)

Esses professores descreveram várias atividades que demonstram um planejamento de ensino. A implementação dessas atividades parece estar dirigida para a formação de conceitos, bem como a estimulação sensorial.

Essas informações nos levam a interpretar que parece haver um direcionamento curricular dos professores ao desenvolver as atividades com os seus alunos.

Dois professores indicaram realizar atividades específicas do processo de alfabetização:

As atividades desenvolvidas em salas de aulas são: Matemática- Representação de números e conjuntos; Português- Representação das letras do alfabeto e palavras; Ex.: palavras que começam com A, amor e alegria.; Ciências- terra, rio e ar; Estudos Sociais- Datas comemorativas, família e escola.; Educação Artística- Desenho.(P3)

São inúmeras atividades e estão relacionadas às disciplinas: matemática, português, ciências e estudos sociais, todas com objetivo de contribuir para formação dos alunos.(P4)

O conteúdo descrito pelo professor 3 é parte do utilizado por qualquer escola comum, com alunos que estão iniciando o processo de alfabetização.

O professor 4 não relatou especificamente o conteúdo trabalhado, mas informou que *as atividades estão relacionadas às disciplinas: matemática, português, ciências e estudos sociais*. Cabe salientar que essas disciplinas também fazem parte da grade curricular de qualquer escola comum.

Apoiando-nos nessas informações, podemos interpretar que parece existir uma preocupação em seguir conteúdos curriculares que são desenvolvidos em uma escola de ensino comum. Esses dados são importantes, pois poderão, no futuro, fazer a integração educacional, uma das preocupações presentes nos dias atuais.

#### **4.3 Recursos utilizados**

Foram descritos vários recursos utilizados pelos professores:

Giz, lápis, papéis coloridos, tampinha, barbante, brinquedos variados, computador, revistas. (P1)

Para desenvolver essas atividades utilizamos os recursos disponíveis na escola, como brinquedos sonoros, brinquedos de encaixe, figuras ilustrativas, trabalho com fantoches, música instrumentos musicais, etc. (P2)

Caderno, livros e revistas, figuras, ... recortes de jornal. (P3)

... Jogos pedagógicos, computador, aulas expositivas, entre outros, recortes de letras e números para o aluno realizar a atividade. (P4)



Brinquedo e jogos pedagógicos, procurando sempre partir do abstrato para o concreto. (P5)

Revistas, letras, rótulo, lousa, cartazes. (P6)

Verificando os relatos, podemos constatar que os professores descreveram ampla variedade de recursos para auxiliar na prática pedagógica. Todos, ou a maioria deles, também são utilizados na escola de ensino regular. Poderíamos então questionar se os alunos não necessitariam de recursos adaptados, se a escola estaria pressupondo a não realização de recursos adaptados para que no futuro os alunos se adaptem mais facilmente a escola comum, se que os professores conhecem os recursos adaptados.

#### **4.4 Recursos adaptados**

Neste tema, tentamos identificar como o professor define os recursos adaptados. Percebemos que três desses professores indicaram utilizar de um único recurso adaptado: lápis ou giz de cera *engrossado com fita crepe ou mangueirinha*:

Lápis Adaptados. (P3)

Adaptação de materiais pedagógicos (como lápis; giz de cera). (P 5)

Lápis engrossado com fita crepe ou mangueirinha. (P6)

Voltamos novamente à questão anterior: Os alunos não necessitariam de recursos adaptados, ou será que os professores não conhecem outros recursos adaptados?

Um único professor descreveu mais detalhadamente atividades e recursos adaptados:

Adaptador para mão. Mangueira em giz de cera, lápis de cor. Elaboração de atividades com desenhos grandes, mais visíveis para crianças com dificuldades motoras e visuais. Delimitação de limite com espátula, barbante, cabos de madeira em talheres para facilitar o manuseio. (P1)

Percebe-se que estas atividades e recursos também estão voltados para a coordenação motora.

O professor 2 indicou que não utiliza recursos adaptados.

O professor 4, ao responder a questão sobre recursos adaptados, indicou:

Sim, computador e recorte de letras e números para o aluno realizar as atividades. (P4)

Percebemos, aqui, que este professor pode não saber, realmente, o que é um recurso adaptado, e o que ele pode auxiliar, pois acabou descrevendo recursos que normalmente são utilizados por aluno não deficiente.

Essa dificuldade em obter recursos pedagógicos adaptados foi levantada por Manzini et al. (1997). Segundo os autores, a falta de materiais adaptados é comum, sendo necessárias a criação e a adaptação de materiais que possibilitem atingir os objetivos de ensino. Um dos indicativos desse fato é que os professores não possuem formação teórica para lidar com a adaptação de recursos. Esta formação poderia ser suprida com cursos adicionais ou temáticos, necessidade que impera atualmente nas instituições especializadas.

#### **4.5 Dificuldades no ensino do aluno com deficiência física**

Os professores apontaram dois fatores que dificultariam o trabalho: família e material didático. Quatro dos professores, que participaram do estudo, elegeram a família como o centro das dificuldades.

Um professor indicou que sente dificuldade em lidar com a expectativa que os pais trazem em relação aos filhos:

... a dificuldade maior é em relação à família de lidar com suas expectativas e necessidades em relação a seus filhos e de como nós profissionais podemos estar ajudando os pais. (P2)

Percebe-se nesta verbalização que o professor indicou a necessidade de formação para lidar com a família, em como trabalhar com as expectativas que a família tem do filho, em como orientar os pais a

ajudarem seu próprio filho em suas necessidades. De forma geral, é comum o professor de educação especial ter um acesso limitado à família. Podemos verificar que a literatura da área aponta as vantagens de a família participar do processo de escolarização dos filhos, mas, na prática, o que se pode verificar é que, ainda, o professor não dispõe de formação específica para esse fim, suas ações se limitam a encontros mensais para informar o que ocorre na sala de aula. Nesse ponto, uma alternativa seria o trabalho realizado em equipe multidisciplinar, principalmente com a presença de orientação psicológica.

Outros dois professores indicaram os aspectos do compromisso da família com a aprendizagem e falta de acompanhamento e interesse dos pais:

A grande dificuldade que encontra é quanto ao compromisso que a família deveria ter com a aprendizagem. (P4)

Maior dificuldade fica por conta da falta de acompanhamento e interesse dos pais. (P6)

É sabida a importância que a família tem em estar realizando tarefas e orientações feitas pelo professor. A família pode afetivamente incentivar o aluno a superar suas dificuldades. Porém, a literatura da área aponta para a tendência de os profissionais remeterem para a família ou para o próprio aluno as causas dos fracassos na escola, independentemente de localizar-se na família ou no aluno a causa do fracasso escolar. Dessa forma, independente de o professor ter ou não o apoio da família, o professor tem o seu papel e tem os seus objetivos pedagógicos no que se refere a relação de ensino - aprendizagem.

Um dos professores não deixou explícitos quais eram os aspectos referentes à família que dificultavam sua prática pedagógica.

Sim, dificuldade referente à família. (P5)

Somente dois professores descreveram que suas dificuldades estavam relacionadas ao material pedagógico, ou seja, ao instrumento do seu trabalho.

Uma dificuldade é a falta de materiais pedagógicos em sala de aula. (P3)

As dificuldades que freqüentemente encontramos em encontrar materiais didáticos, brinquedos adaptados às crianças. (P1)

Percebemos que estes professores parecem estar preocupados com o desenvolvimento dos alunos independente das dificuldades que a família esteja passando. A preocupação do professor parece, realmente, estar centrada nas dificuldades de aprendizagem pela qual seu aluno está passando em sala de aula e em quais atividades e materiais pedagógicos ele pode oferecer para que consiga superá-las.

#### **4.6 Mudanças identificadas no desenvolvimento dos alunos**

Cinco professores descreveram mudanças no desenvolvimento de seus alunos. Apenas um deles não deixou explícita essa observação.

Cinco dos professores deixaram explícito, nas suas respostas, que percebem o desenvolvimento dos seus alunos:

Apesar do desenvolvimento das crianças acontecer de forma lenta e paulatinamente, podemos observar que ocorre um certo desenvolvimento em alguns mais visíveis e em outras formas mais graduais. (P2)

Eu observo que cada um aprende dentro dos seus limites, uns mais rápidos outros lentos. (P2)

Como professora, procuro respeitar e, muitas vezes, procuro mudar a maneira de explicar.(P3)

Sim, mesmo sendo mudanças a longo prazo, pois qualquer palavra, qualquer gesto a mais que um deficiente venha a conseguir fazer, é uma grande mudança, em si pensando, por ser um 'indivíduo deficiente'.(P5)

Posso dizer que noto grandes progressos no processo de desenvolvimento dos alunos.(P6)

Percebemos também que alguns destes professores ainda citaram o respeito que tem frente às características dos alunos, frente ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento:

Apesar do desenvolvimento acontecer de forma lenta... ocorre um certo desenvolvimento.(P2)

... cada um aprende dentro dos seus limites, uns mais rápidos outros lentos. (P3)

... alguns conseguem alcançar os objetivos em mais tempo outros em menos... (P4)

Sim, mesmo sendo mudanças a longo prazo... (P5)

O professor 1 não falou de desenvolvimento e sim de expectativas que são superadas e outras que *precisam ser reexaminadas*.

Algumas vezes as expectativas que projetamos em determinadas crianças são superadas, em outras, tais expectativas precisam ser reexaminadas. (P1)

Essa última fala nos indica que o professor parece ter consciência dos estereótipos que são criados e, posteriormente, são modificados pela situação real.

De modo geral, os professores participantes da pesquisa identificaram mudanças no desenvolvimento de seus alunos sendo esse desenvolvimento mais lento do que em outras crianças.

## 5 Conclusão

Uma das primeiras conclusões advindas do trabalho é o fato de os professores conceberem os seus alunos como capazes de aprender independente de suas limitações físicas.

Diante dessa concepção, propõem atividades que exigem mais dos seus alunos, sem ter aquela concepção de *do* ou *coitadinho*, *eles não vão conseguir* (Manzini, 1989).

Percebemos também que as atividades apresentadas parecem ser planejadas pelos professores de acordo com a necessidade do desenvolvimento de cada aluno e esse planejamento é realizado com a preocupação de dividir os alunos de acordo com níveis: sensoriais, pré-escolares e alfabetização.

Quanto aos recursos adaptados, pudemos perceber que os professores indicaram desconhecimento teórico e, conseqüentemente

prático, sobre a criação e adaptação dos mesmos. Existe a indicação de alguns poucos recursos adaptados e outros que são indicados serviriam para o ensino de quaisquer alunos, independente das características físicas. Essa parece ser uma das dificuldades encontradas por profissionais dessa área, ou seja, os recursos adaptados são poucos (Manzini, 1998), além de a localização de catálogos que sirvam de subsídios e o oferecimento de cursos que sirvam para formação aos professores serem raros (Manzini et al., 1996).

Sobre a indicação de dificuldades, os professores ressaltaram não encontrar apoio dos pais na realização das tarefas pedagógicas, como também indicaram dificuldades em lidar com a família. Essas informações demonstram falhas na formação dos professores em lidar com as famílias. Essa dificuldade, em nossa interpretação, deve ser assumida pela equipe de profissionais e não isoladamente pelos professores, assim, essa dificuldade não deveria prejudicar o desenvolvimento do aluno, ou seja, o professor deveria continuar propondo as atividades de que o seu aluno necessitar.

Finalizando, um ponto importante do estudo foi a indicação feita pelos professores sobre a observação de mudanças no desenvolvimento dos seus alunos, ou seja, independente das dificuldades encontradas, o aluno com deficiência física parece estar recebendo benefícios do ensino proporcionado.

## **6 Referências bibliográficas**

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: *Material pedagógico*: manual de utilização. Rio de Janeiro: MEC/ CENESP/ FENAME/ APAE de São Paulo, 1980. p. 410-445.
- CRUICKSKANK, W.M.B. ; JOHNSON, T. D. *A educação da criança e do jovem excepcional*. Tradução Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Globo, 1979. 2v.
- MANZINI, E.J. Segregação e integração do indivíduo deficiente físico: depoimento de uma mãe sobre a realidade educacional concreta. *Didática*, São Paulo, n. 25, p. 139-152, 1989.
- \_\_\_\_\_. ; SIMÃO, L.M. Concepção do professor especializado sobre a criança deficiente física: mudanças em alunos em formação profissional. In: DIAS, T. R. S.; DENARI, F. E.; KUBO, O.M. *Temas em educação especial 2*. São Carlos: Universidade Federal, 1993. v. 2, p. 25-54.

\_\_\_\_\_. ; GERDULLO, M.; BONALDO, M. *Elaboração de catálogo de recursos pedagógicos para o aluno deficiente físico*. In: *REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA*, 48, 1996, São Paulo. Anais... São Paulo: PUC, 1996. p. 230.

\_\_\_\_\_.; BONALDO, M.; GERDULLO, M. Recursos pedagógicos: criação, adaptação e aplicação ao ensino do aluno deficiente físico. *Boletim do COE*, Marília, n. 2, p. 41-48, 1997.

MANZINI, E. J. Recursos pedagógicos para la enseñanza del deficiente físico. In: *ENCUENTRO MUNDIAL DE EDUCACIÓN ESPECIAL*, 2, 1998, Havana. *Resumos...* Havana: Palco Hotel, 1998. p.12.

MAZZOTTA, M. J. S. *Fundamentos de educação especial*. São Paulo: Pioneira, 1997.

